

**CARINE BELASQUEM RODRIGUEZ**

**A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA COMO FACILITADORA INTERDISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS NO  
CURRÍCULO ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes: Ensino e Percursos Poéticos da Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Mariza Mattos Brandão

Pelotas, 2013

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Mariza Mattos Brandão. CA/UFPEL  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Paulo Renato Viegas Damé. CA/UFPeI  
(Banca examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>o</sup>. Cláudio Tarouco de Azevedo. FURG  
(Banca examinadora)

## RESUMO

Esta monografia retoma as discussões teóricas acerca das possibilidades pedagógicas interdisciplinares de obras artísticas contemporâneas, enfocando a produção de três artistas latino-americanas, Maria Elvira Escallón, Maria Teresa Ponce e Alessandra Sanguinetti, como pontes reflexivas entre os conteúdos curriculares de diferentes disciplinas, visando aproximá-las do ensino das Artes Visuais. Considerando que a fotografia é uma linguagem utilizada pela maioria dos jovens hoje em dia, o objetivo é mostrar a importância do potencial discursivo, estético e comunicativo, da linguagem fotográfica para aproximar o cotidiano de professores e alunos, trazendo a Arte fotográfica contemporânea para uma condição de objeto de ensino interdisciplinar e mostrando que ela pode auxiliar no ensino das demais disciplinas. Nesse sentido apresento exemplos retirados do material pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul (2011). A fundamentação teórica é realizada pela interlocução entre Susan Sontag (1981), que discute sobre a fotografia e o impacto dos sujeitos, e autoras que discutem questões pertinentes a Arte/Educação, como Marly Ribeiro Meira (1999,2007), Mara Rosângela Ferraro (2009) e Helianda Ometto Nardin (2009), e autoras que abordam questões sobre a interdisciplinaridade na educação, como Ivani Catarina Arantes Fazenda (1994) e Izabel Cristina Petraglia (1993). Os procedimentos metodológicos contemplaram a revisão bibliográfica sobre a temática em questão e realização de entrevistas semiestruturadas com cinco professores do município de Pelotas, RS. Em confronto com a fundamentação teórica os dados revelam que, os professores sujeitos da pesquisa, receberam bem a produção contemporânea em fotografia e perceberam a importância de práticas integradoras.

**Palavras-chave:** Artes Visuais. Fotografia. Interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

This monograph sets out the theoretical discussions about the possibilities of interdisciplinary teaching contemporary artworks, focusing on the production of three Latin American artists, Maria Elvira Escallón, Maria Teresa Ponce and Alessandra Sanguinetti, as bridges between the reflective curricula of different disciplines in order to approach them the teaching of Visual Arts. Whereas photography is a language used by the majority of young people today, the goal is to show the importance of the potential discursive, aesthetic and communicative, photographic language to approximate the daily teachers and students, bringing the contemporary photographic art for a condition object of interdisciplinary teaching and showing that it can assist in the teaching of other disciplines. Accordingly present examples from the teaching material of the 8th Mercosul Biennial (2011). The theoretical basis is performed by the dialogue between Susan Sontag (1981), which discusses the impact of the photo subjects and authors who discuss issues pertinent to Art / Education as Marly Ribeiro Meira (1999.2007), Rosangela Mara Ferraro (2009 ) and Helianda Ometto Nardin (2009), and authors that address issues of interdisciplinarity in education, as Ivani Catarina Arantes Farm (1994) and Izabel Cristina Petraglia (1993). The methodological procedures contemplated the literature review on the subject in question and conducting semi-structured interviews with five teachers of Pelotas, RS. In comparison with the theoretical data reveal that teachers research subjects, welcomed the contemporary production in photography and realized the importance of integrated practices.

**Keywords:** Visual Arts. Photography. Interdisciplinarity.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1-</b> MARIA ELVIRA ESCALLÓN - <i>IN VITRO</i> .....	<b>29</b>
<b>FIGURA 2-</b> MARIA ELVIRA ESCALLÓN - <i>NOVAS FLORAS DO SUL</i> .....	<b>31</b>
<b>FIGURA 3-</b> MARIA ELVIRA ESCALLÓN - <i>NOVAS FLORAS DO SUL</i> .....	<b>32</b>
<b>FIGURA 4-</b> MARIA TERESA PONCE - <i>KM 202</i> .....	<b>35</b>
<b>FIGURA 5-</b> MARIA TERESA PONCE - <i>KM 138</i> .....	<b>36</b>
<b>FIGURA 6-</b> ALESSANDRA SANGUINETTI - <i>PARA O PASSADO</i> .....	<b>38</b>
<b>FIGURA 7-</b> ALESSANDRA SANGUINETTI - <i>O TEMPO VOA</i> .....	<b>39</b>
<b>FIGURA 8-</b> MARIA ELVIRA ESCALLÓN - <i>NOVAS FLORAS DO SUL</i> .....	<b>41</b>
<b>FIGURA 9-</b> MARIA TERESA PONCE - <i>NQ. CE. 1001</i> .....	<b>43</b>
<b>FIGURA 10-</b> ALESSANDRA SANGUINETTI - <i>OPHELIAS</i> .....	<b>45</b>
<b>FIGURA 11-</b> JOHN EVERETT MILLAIS - <i>OFÉLIA</i> .....	<b>46</b>
<b>FIGURA 12-</b> MONTAGEM DAS OBRAS.....	<b>52</b>

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>1. FOTOGRAFIA NA ESCOLA, POR QUÊ? .....</b>	<b>15</b>
1.1 SOBRE A FOTOGRAFIA .....	18
1.2 SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE .....	20
1.3 INTERDISCIPLINARIDADE E FOTOGRAFIA .....	22
<b>2. FOTOGRAFIA E ARTE CONTEMPORÂNEA EM SALA DE AULA .....</b>	<b>26</b>
2.1 MARÍA ELVIRA ESCALLÓN .....	28
2.2 MARIA TERESA PONCE .....	33
2.3 ALESSANDRA SANGUINETTI.....	37
2.4 POSSIBILIDADES DE AÇÕES INTERDISCIPLINARES .....	40
<b>3. SOBRE A PESQUISA E SEUS RESULTADOS .....</b>	<b>48</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2010, apresentei o meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA NO ENSINO DAS ARTES: um olhar sobre as práticas de estágio do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, UFPel”. Escolhi esse tema/assunto porque, durante as observações em escolas realizadas ao longo de minha vida acadêmica, percebi que, embora a fotografia seja cada vez mais acessível ao grande público, o potencial expressivo da linguagem ainda é pouco explorado na disciplina de Artes. Sendo assim, a proposta do TCC foi fomentar a discussão acerca da presença da linguagem fotográfica nos processos pedagógicos em Artes Visuais, visto que tal linguagem integra as práticas cotidianas da maioria dos jovens, os quais consomem, produzem e descartam imagens como nunca visto antes. Isso é explicado pela seguinte constatação:

De certa forma podemos dizer que todos nós em algum momento das nossas vidas já fotografamos. E podemos também dizer que na maior parte das vezes fotografamos com o intuito de registrar um acontecimento, gravar um momento, contar um fato ou retratar um ente querido. (EITLER, 2000, p. 38).

Tendo em vista tal realidade, investiguei as motivações que determinaram as escolhas das linguagens artísticas exploradas nos estágios dos formandos em Artes Visuais - Modalidade Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel, RS), em 2010. Através da observação de um seminário realizado na disciplina Estágio IV, da realização de entrevistas semiestruturadas e da análise crítica dos dados obtidos, verifiquei que

os formandos da turma de 2010 não se sentiam habilitados para explorarem a linguagem fotográfica em sala de aula. Constatei que eles focaram seus estágios no desenho e na pintura, embora tenham utilizado, também, a colagem, a escultura e a performance.

Acredito que os professores formados ou em formação, necessitam aprofundar conhecimentos sobre a fotografia, sobre seus saberes e práticas, para que conheçam as suas potencialidades pedagógicas e as valorizem. Isso, principalmente na consideração de que:

[...] na formação de professores, é exigido que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas. (MERCADO, 1999, p. 14).

Sobre o assunto Marli Meira afirma que “em função dos novos meios de comunicação [...] a educação assume novas feições, efetuando-se em outros espaços” (MEIRA, 1999, p. 130). Portanto, é recomendável que as práticas pedagógicas em Artes Visuais incorporem as novas tecnologias, seus processos e produtos, acompanhando os novos rumos da educação em um mundo dominado pela comunicação visual. Nesse contexto, a fotografia tornou-se um canal de comunicação e expressão privilegiado, exigindo do observador a tarefa de interpretar a imagem/mensagem de acordo com as suas vivências, seus conhecimentos e sentimentos acerca do mundo ao redor. Pela sua força de expressão autônoma, a fotografia é uma forma de comunicação que na maioria das vezes independe de textos explicativos.

Partindo da constatação de que a fotografia faz parte do cotidiano dos alunos, seja através de álbuns de família, de jornais, de revistas ou, principalmente, do ciberespaço, o presente trabalho visa aprofundar



conhecimentos sobre as relações entre Fotografia e Arte/Educação, dando continuidade ao trabalho de conclusão de curso e às pesquisas realizadas no PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, UFPel/CNPq, do qual faço parte.

As imagens ganham cada vez mais destaque nos meios de comunicação e no entorno vivencial dos indivíduos, compondo um universo complexo de elementos visuais que exigem espectadores atentos. Entendo que, conscientemente ou não, estamos constantemente envolvidos com a cultura visual, e isso implica no contato direto com imagens, exigindo do espectador uma interpretação crítica. Uma imagem não serve apenas para ser vista, mas também para ser contextualizada, pois “uma imagem é, também, um corpo de ideias, uma posição política sobre o contexto, um recorte ético sobre valores, um mapa de sentidos sobre algo que se aprendeu” (MEIRA, 1999, p. 124).

No contexto de um mundo essencialmente imagético, destacam-se as imagens técnicas, em especial as fotográficas. Cotidianamente, somos invadidos pelos apelos dos produtos da comunicação visual, um universo no qual a fotografia tornou-se um canal privilegiado. Vemos, portanto, que cabe ao observador a tarefa de interpretar a imagem/mensagem, e a competência para isso está diretamente relacionada às vivências de cada um, à bagagem experiencial, isto é, aos seus conhecimentos e sentimentos acerca do mundo ao redor.

A partir do exposto acima, trago como problema de pesquisa a seguinte questão: Será a fotografia, com seus produtos e fazeres, um meio facilitador da interdisciplinaridade no currículo escolar? Em acordo com tal questão, o objetivo geral da pesquisa é discutir a possível relação entre fotografia e interdisciplinaridade, aceitando aquela como facilitadora potencial de tais relações. Nesta monografia, os processos interdisciplinares abordados referem-se à disciplina de Artes Visuais e as demais do currículo escolar. Sendo assim, são objetivos específicos: propiciar a professores de diferentes áreas uma aproximação da produção contemporânea em fotografia das artistas Maria Elvira Escallón, Maria Teresa Ponce e Alessandra Sanguinetti; identificar se esses

profissionais já trabalharam de maneira interdisciplinar com os conteúdos de Artes Visuais; verificar se os professores já utilizaram a fotografia em suas práticas e de que modo isso foi feito; propor uma aproximação das Artes Visuais com as demais áreas do conhecimento através dos pressupostos da interdisciplinaridade. Tais objetivos foram elaborados, pois acredito que:

[...] precisamos continuar a luta política e conceitual para conseguir que arte seja não apenas exigida, mas também definida como uma matéria, uma disciplina igual as outras no currículo. Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem um domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas em mera atividade (BARBOSA, 1996, p. 06).

A justificativa para a pesquisa está na necessidade de se levantar questões relacionadas a pouca problematização acerca da linguagem fotográfica, com seus saberes e fazeres, em especial no ensino das Artes Visuais em algumas escolas públicas, como constatei em minha pesquisa realizada para conclusão do curso de Artes Visuais – Licenciatura, no ano de 2010. Além disso, considero fundamental problematizar as questões pertinentes à interdisciplinaridade, pois:

A exigência interdisciplinar que a educação indica reveste-se, sobretudo de aspectos pluridisciplinares e transdisciplinares que permitirão novas formas de cooperação, principalmente o caminho no sentido de uma policompetência (FAZENDA, 1998, p. 12).

Através das palavras da autora, acerca das novas exigências no âmbito da atuação docente, constato uma grande distância entre a atualidade desta temática verificada em meus estágios, e a realidade do ensino universitário que vivenciei. Percebo, portanto, a atualidade e a necessidade de abordar tal assunto.

Para a fundamentação teórica da presente investigação, utilizei, principalmente, as ideias desenvolvidas por Susan Sontag (1981), sobre a fotografia e o impacto das imagens sobre os sujeitos, além dos múltiplos sentidos implicados, visto que:

As fotos fazem mais do que redefinir a natureza da experiência comum (gente, coisas, fotos, tudo o que vemos – embora de forma diferente e, não raro, desatenta – com a visão natural) e acrescentar uma vasta quantidade de materiais que nunca chegamos a ver. A realidade como tal é redefinida – como uma peça para exposição, como um registro para ser examinado, como um alvo para ser vigiado. A exploração e a duplicação fotográficas do mundo fragmentam continuidades e distribuem os pedaços em um dossiê interminável, propiciando dessa forma possibilidades de controle que não poderiam sequer ser sonhados sob o anterior sistema de registro de informações: a escrita (SONTAG, 1981, p. 173).

As questões pertinentes à Arte/Educação estão estruturadas nas discussões de Marly Ribeiro Meira (1999, 2007), Mara Rosângela Ferraro (2009) e Helianda Ometto Nardin (2009). Marly Ribeiro Meira (1999, 2007) problematiza a necessidade de uma formação sensível dos sujeitos, abordando questões sobre a educação estética. A autora discute tanto a produção, como o consumo de imagens, defendendo a ideia de que:

A arte tem a pretensão de capturar a vida onde ela se esconde ou se camufla para o olhar, mesmo nas coisas banais e simples. As propostas de pedagogia estética e artística, ao levar em consideração uma filosofia da criação, demandam relacionar arte e vida, onde o conhecer, o fazer, o expressar, o comunicar e o interagir instaura práticas investidas a partir das vivências de cada um (MEIRA, 2007, p. 122).

Mara Rosângela Ferraro (2009) e Helianda Ometto Nardin (2009) discutem sobre suas práticas pedagógicas, no ensino das Artes Visuais, oferecendo subsídios e reflexões sobre o ensino artístico no currículo da educação básica brasileira. As autoras apontam caminhos que podem impulsionar transformações no atual ensino de Arte nas nossas escolas, possibilitando novas práticas no ensino e a educação interdisciplinar. Nesse

sentido, elas defendem a necessidade de lançar-se mão do conhecimento produzido, atualizando-o, pois assim estaremos:

[...] promovendo crescente contaminação e diálogo entre as linguagens plásticas, entre as linguagens eruditas, populares e comerciais, abarcando em sua construção outros lugares do conhecimento, geográficos e sociais, culturais, arquitetônicos, políticos, econômicos etc., respondendo assim, pelo multiculturalismo e pela interdisciplinaridade. (FERRARO, NARDIN, 2009, p. 191)

Outra autora que aborda a interdisciplinaridade na educação é Izabel Cristina Petraglia (1993), uma pesquisadora cujo trabalho na área é assim destacado por Ivani Fazenda:

Izabel foi apresentada às questões da interdisciplinaridade no ensino em minha sala de aula, há alguns anos, e dela tornou-se imediatamente cativa – a cada indicação teórica recebida, ousava investigar outras tantas mais... Tão cativa dessa temática se tornou que ousou cativar outras tantas que dela se aproximaram, seus colegas da Universidade de São Francisco, onde trabalha. O procedimento por ela adotado foi o de sedução e busca por novas parcerias, na busca da transformação de uma educação estática em uma educação viva. Sua trajetória é discutida em todas as etapas, desde a busca de conceituação e de metas para seu trabalho interdisciplinar, até os procedimentos adotados: das formas encontradas para o cultivo do professor até a organização das disciplinas no currículo e seus conteúdos. (FAZENDA, 1994, p. 135).

Essas autoras tecem uma abordagem ampla sobre os significados e as diversas possibilidades de leituras de imagens e interdisciplinaridade, com base em teorias sobre a Arte e seu ensino. Além de abordarem questões acerca da leitura de imagens, elas refletem sobre os modos de constituição do olhar nas interações do sujeito com o mundo, reforçando a possibilidade de trabalhar a fotografia de maneira interdisciplinar no currículo escolar através do ensino das Artes Visuais.

Neste trabalho a pesquisa desenvolvida é de cunho qualitativo, sendo que os procedimentos metodológicos contemplaram a revisão bibliográfica sobre a temática em questão, a realização de entrevistas

semiestruturadas com cinco licenciados (um em História, um em Geografia, um em Artes Visuais e dois em Pedagogia) e a análise crítica dos dados. Cabe destacar que, para a realização das entrevistas, fez-se necessária a utilização de reproduções de obras fotográficas de artistas contemporâneas para, através destas, problematizar a questão de pesquisa com os sujeitos investigados. As artistas por mim selecionadas foram María Elvira Escallón (Londres, 1954), com a obra *Novas floras do sul*, e Maria Teresa Ponce (Quito, 1974), obra *Nq. Ce. 1001*, ambas expostas na 8ª Bienal do Mercosul (2011), e a artista Alessandra Sanguinetti (Nova Iorque, 1968), com a obra *Ophelias*, exposta na 29ª Bienal de São Paulo (2010).

A escolha destas artistas em particular deve-se ao fato de que, durante o curso de Pós - Graduação em Artes, no segundo semestre de 2011, na disciplina “Arte e Cultura na América Latina”, surgiu a proposta de elaboração de um artigo relacionado ao tema de pesquisa de cada aluno, o qual deveria agregar artistas contemporâneos que produzem no contexto latino-americano. Sendo assim, a minha escolha recaiu sobre as artistas citadas anteriormente, as quais têm em comum o fato de privilegiarem, em suas produções, a linguagem fotográfica.

Por meio de reproduções destas obras contemporâneas, propus aos entrevistados refletirem sobre a possibilidade de interação entre as suas disciplinas e a de Artes Visuais. Os materiais visuais apresentados contêm informações acerca das produções das artistas e suas obras, sendo que cada uma apresenta uma visão particular de determinada cultura. Suas imagens e conteúdos fazem referências à fotografia, ao passado, a símbolos, a alegorias, a estilos, a fontes literárias, à religião, ao meio ambiente, a lugares, enfim, temas presentes nas Artes Visuais, e também, em outras disciplinas, surgindo, assim, as possibilidades interdisciplinares, pois “é fundamental que se discuta a interdisciplinaridade na escola e, mais do que isto, que o educador queira cultivar-se para essa nova perspectiva de mundo” (PETRAGLIA, 1993, p. 60).

A partir de então, o presente trabalho passou a ser constituído sobre dois eixos principais: a fotografia e a interdisciplinaridade, tendo como foco o ensino das Artes Visuais, agregando diferentes áreas do conhecimento como uma possibilidade de promover uma aprendizagem mais contextualizada e significativa para a vida de cada sujeito.

É importante também ressaltar que o estudo de caso (ANDRÉ e LÜDKE, 1986) foi o método utilizado para sistematizar a coleta de dados, visto que possibilita confrontar a situação com outras já conhecidas e com as teorias existentes. Desse modo, o trabalho contribuirá para a elaboração de novas teorias e questões, ampliando as possibilidades de futuras pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico.

## 1. FOTOGRAFIA NA ESCOLA, POR QUÊ?

Parto do entendimento de que a fotografia se constitui como uma linguagem, assim como a pintura, o desenho, dentre outras, contribuindo para mostrar o quanto a imagem é importante para os alunos. Além disso, acredito que explorar pedagogicamente a linguagem fotográfica facilita a comunicação com a atual geração, uma vez que, com o fácil acesso que eles têm à câmera digital e aos celulares com câmera, a fotografia está presente no dia a dia da maioria de crianças e adolescentes. Nesse sentido, é possível considerarmos que a fotografia é “a única “linguagem” entendida em toda parte do mundo e que, ao interligar todas as nações e culturas, une a família humana. Independente da influência política – onde as pessoas forem livres, ela reflete facilmente a vida e os fatos” (SONTAG, 1981, p. 208).

E o pensamento de Sontag ganha “força”, quando constatamos que no cotidiano contemporâneo fotografar tornou-se um hábito banal, a fotografia está ao alcance de uma significativa parcela da sociedade brasileira, sendo utilizada para registrar momentos especiais, a convivência com os amigos, os lugares visitados, dentre tantas outras ocasiões e diferentes poses. Entretanto, as imagens fotográficas precisam ser problematizadas como mediadoras dos valores do sujeito fotógrafo, como resultantes de sua vida e de sua cultura. Acredito ser preciso explorar a fotografia como um valor e uma forma de conhecimento, unindo o cognitivo ao afetivo.

A imagem fotográfica está impregnada dos valores estéticos do sujeito fotógrafo, pois “há muito mais por de trás de uma imagem fotográfica do que o mero ato de capturar um momento no tempo” (SAMAIN, 2005, p. 356). Ela é uma representação interpretativa da realidade, no sentido de ser algo recortado pela percepção do

olhar de quem realizou a imagem. Esta, por sua vez, é uma janela aberta através da qual podemos ver lugares e pessoas que não conheceríamos de outra forma. A imagem nos contextualiza, faz-nos imaginar como seria estar em certo ambiente vivenciando experiências. Assim, é possível admitir que as imagens fotográficas:

São instrumentos que facilitam o diálogo em classe e ajudam a centrar a atenção do grupo com relação a um objeto de assunto comum. Também são instrumentos para a criação de formas expressivas e comunicativas [...] (ZABALA, 1998, p. 183).

Portanto, é possível considerar que a utilização da linguagem fotográfica no cotidiano escolar produz conhecimentos capazes de auxiliar não só no desenvolvimento de projetos artísticos, mas também pode desencadear processos reveladores dos contextos vivenciais dos sujeitos fotógrafos. Isso acontece, pois “trabalhar com imagens e processos de criação artística e estética mobiliza saberes e operações complexas no manuseio da fantasia e de repertórios conceituais” (MEIRA, 2007, p. 40), colaborando para o desenvolvimento de estudantes mais conscientes, críticos e participantes. Além disso, é preciso considerar que a tecnologia está à disposição dos alunos, no cotidiano (Pimentel, 2002), e que as imagens ganham cada vez mais destaque nos meios de comunicação e no entorno vivencial dos indivíduos, compondo um universo complexo de elementos visuais que exigem espectadores atentos.

A velocidade de reprodução das imagens, proporcionada pelas novas tecnologias, faz com que se abram novas possibilidades de expressão, que problematize os aspectos particulares da visualidade contemporânea, seus meios e processos. Professores e alunos utilizam os mais diversos aparatos tecnológicos em seu cotidiano, como celulares e câmeras digitais. Acredito que estes recursos também devem fazer parte do processo ensino-aprendizagem no sentido de facilitar e enriquecer a construção do conhecimento científico na escola, pois a utilização de “máquinas fotográficas, celulares, computadores e outros artefatos tecnológicos



como recurso pedagógico em sala de aula é o passo necessário às mudanças exigidas pelo processo ensino aprendizagem na atualidade” (NUNES, 2010, p. 142).

Portanto, devemos estar atentos às representações visuais de acordo com suas funções e influências, visto que uma imagem pode evocar diferentes respostas por diferentes pessoas. Cada um possui uma visão, referente às suas experiências visuais cotidianas. Os alunos captam imagens que estão ao seu redor o tempo todo, uma vez que a imagem não encontra mais barreiras para se propagar.

Utilizar a fotografia em sala de aula de modo crítico e reflexivo contribui com a educação do olhar do aluno, de modo a torná-lo mais sensível aos valores morais, religiosos, econômicos, sociais e políticos dos contextos que o cercam. Em outras palavras, “é desenvolver no aluno a percepção visual do mundo e da obra de Arte, ampliando seu repertório visual e gráfico, contribuindo para a construção de um olhar crítico no exercício de sua cidadania” (BUORO, 1998, p. 16).

Saliento que, se a imagem fotográfica faz parte da vida dos alunos, cabe também à escola capacitá-los para novos/diferentes modos de apreensão e leitura desses materiais, do processamento crítico dos elementos visuais que nos apresentam um universo complexo, muito além da mera representação do real.

Considero importante o desenvolvimento de processos educativos relacionados a essa linguagem, envolvendo o conhecimento de seu desenvolvimento histórico, a sua valorização como produto artístico e da exploração criativa das intrínsecas relações que a constituem. Esse trabalho se justifica porque o rompimento, com a banalização das práticas fotográficas e seus produtos, pode colaborar para “ensinar nossos olhos a ver de fato, buscar aquilo que queremos ver. É dar novos significados. Enfim, é uma forma de construir, de perceber e de se emocionar com a busca de novas maneiras de captar o mundo” (EITLER, 2000, p. 45).

Integrar a fotografia aos processos educativos, ao abordar suas práticas e características próprias no contexto da produção artística contemporânea, na condição de objeto de ensino interdisciplinar, possibilita uma

compreensão dos novos modos de produção de imagens (ALMEIDA, 1999) e a aproximação das Artes Visuais das demais disciplinas curriculares.

### **1.1 Sobre Fotografia**

Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens (SONTAG, 1981, p. 13).

Como destaca Sontag, as imagens ganham cada vez mais destaque nos meios de comunicação e no entorno vivencial dos indivíduos, compondo um universo complexo de elementos visuais que exigem espectadores atentos. Isso se torna mais necessário ao considerarmos que a velocidade de reprodução das imagens proporcionada pelas novas tecnologias, faz com que se abram novas possibilidades de expressão.

A imagem fotográfica encontra-se na vida dos alunos e utilizada indiscriminadamente, principalmente para registrar momentos, pessoas com que convivem, lugares que visitam, entre outros registros do entorno, pois “a necessidade de comprovar a realidade e ampliar a experiência através da fotografia representa um consumismo estético pelo qual todos nós hoje em dia estamos obcecados” (SONTAG, 1981, p. 23). A vida social está se transformando radicalmente através das novas tecnologias e das novas maneiras de ver e perceber o mundo.

Ao utilizar a fotografia na sala de aula, o professor deve estimular seus alunos a observarem as fotografias propostas, devem ser instigados a produzirem novas imagens. Sendo assim, cada aluno estará disposto a construir a imagem/mensagem, da mesma maneira que a imagem/mensagem irá construí-los. Ao ser utilizada como recurso didático-pedagógico, a fotografia auxilia os alunos na maneira de ver o passado, como uma imagem “congelada” de uma situação, de uma época, ou de um espaço físico, que pode interagir de modo crítico com o cotidiano, por que:

O ver não diz respeito somente à questão física de um objeto ser focalizado pelo olho, o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado. (ZAMBONI, 2006, p. 64).

Com isso, a maneira de ver e perceber o objeto, o mundo, a imagem/mensagem está relacionada ao paradigma que o indivíduo se propõe a vivenciar. A fotografia é um recurso importantíssimo e que, se bem utilizada, não apenas potencializa este processo, mas também oferece ideias, propostas, e sugestões que enriquecem o trabalho interdisciplinar.

Como vivemos marcados por inovações tecnológicas e científicas, as imagens predominam, e a intertextualidade da fotografia surge como produto e produção, conforme Nunes (2010, p. 12): “As imagens contribuem para a composição dos olhares sociais e através delas percebemos as diversas identidades e representações”. Uma imagem tem muito a relatar e a ser interpretada, pois carrega consigo inúmeras mensagens. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e

transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, televisão, vídeo, computador, performance) (BRASIL, 1997, p. 61).

Dessa maneira, a imagem fotográfica é entendida como uma linguagem, um meio de expressão e comunicação, que está presente nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Portanto, a utilização da fotografia na sala de aula deve ser vista como mais uma possibilidade, pois não se pode negar que os altos índices de casos de uso de celulares com câmeras durante as aulas. Cabe ao professor realizar uma abordagem educativa, porque os alunos já demonstram a preferência pelo tecnológico. Pensando assim, os celulares não precisam ser vistos apenas como problemas ou dificuldades. Além de importantes para a comunicação com as famílias e os amigos, ou mesmo entre a escola e os alunos, esses aparelhos podem, ainda, se tornar elementos de aprendizagem, sendo integrados em projetos educacionais.

A fotografia pode ter múltiplos usos em pesquisa, como documento, citação, dado que possibilita explorar uma situação de trabalho ou fonte de inspiração para obras e relatos. Além disso, as fotografias e a máquina fotográfica têm a possibilidade de desempenhar um papel no sentido de estreitar os laços das demais disciplinas com as Artes visuais.

## **1.2 Sobre Interdisciplinaridade**

A interdisciplinaridade é a interação entre duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de ideias até a integração recíproca dos conceitos fundamentais e da teoria do conhecimento, da metodologia e dos dados da pesquisa. Estas interações podem implicar transferências de leis de uma disciplina para outra e, inclusive, em alguns casos dão lugar a um novo corpo disciplinar, como a bioquímica ou a psicolingüística. Podemos encontrar esta concepção na

configuração das áreas de Ciências Sociais e Ciências Experimentais no ensino médio e da área de conhecimento do meio no ensino fundamental. (ZABALA, 1998, p. 143)

A interdisciplinaridade, conforme destacado por Zabala (1998), consiste em um trabalho em comum, tendo em vista a interação de disciplinas científicas, de seus conceitos básicos, dados, metodologia, com base na organização cooperativa e coordenada de ensino. As atividades de ensino têm que integrar, ao máximo, os conteúdos que se queiram ensinar para incrementar sua significância. Devem, então, abranger, explicitamente, atividades educativas relacionadas de forma simultânea com todos aqueles conteúdos abordados de maneira globalizada, para dar mais significado a aprendizagem. Sobre esse assunto, Zabala (1998) afirma que:

A tendência habitual de situar os diferentes conteúdos de aprendizagem sob a perspectiva disciplinar tem feito com que a aproximação à aprendizagem se realize segundo eles pertençam a disciplina ou à área: matemática, língua, música, geografia, etc., criando, ao mesmo tempo, certas didáticas específicas de cada matéria, consideramo-los segundo a tipologia conceitual, procedimental e atitudinal, poderemos ver que existe uma maior semelhança na forma de aprendê-los e, portanto, de ensiná-los, pelo fato de serem conceitos, fatos, métodos, procedimentos, atitudes, etc., e não pelo fato de estarem adstritos a uma ou outra disciplina. (ZABALA, 1998, p. 39).

A importância de alguns conteúdos frente aos outros mostra que todas as disciplinas são importantes. Surge, assim, a necessidade de agregar a fotografia do ensino de Artes Visuais a outras disciplinas, unindo diferentes áreas do conhecimento, como uma possibilidade de promover uma aprendizagem mais contextualizada e significativa para a vida de cada sujeito. Por isso, é importante alimentar a temática da interdisciplinaridade, na tentativa de dar ênfase a processos de aprendizagem integrados.

É muito importante, para o trabalho interdisciplinar, que o professor faça um projeto, tentando integrar-se aos projetos dos colegas ou, pelo menos, encontrar um parceiro no seu ambiente de trabalho. Logo, para que haja uma proposta interdisciplinar, tem que haver a conexão entre duas ou mais áreas do conhecimento.

Tal opção possibilita aos educadores a ampliação de seus repertórios, teóricos e visuais, contribuindo para uma maior interação e integração entre os demais colegas, e também promove, uma aproximação do universo dos estudantes, pois, “todo conteúdo, por mais específico que seja sempre está associado e, portanto será aprendido junto com conteúdos de outra natureza” (ZABALA, 1998, p. 40). Nessa integração as partes são distinguidas, não separadas do todo. Relacionando da experimentação, a codificação e a informação entre os saberes.

A ação pedagógica, através da interdisciplinaridade, aponta para a construção de um único objetivo: a experimentação da vivência de uma realidade global, que se insere nas experiências integradoras cotidianas de professores e alunos.

### **1.3 Interdisciplinaridade e Fotografia**

Através da interdisciplinaridade, o estudante poderá verificar se é capaz, ou não, de construir uma representação articulando dados provenientes de diversas disciplinas, de preceder à transferência de uma disciplina a outra ou, ainda, de confrontar, de forma crítica, pontos de vista de várias disciplinas, por meio de imagens fotográficas, as quais são um dos meios de produção visual mais explorado atualmente. Na interdisciplinaridade, as relações ocorrem em dois níveis, com relações e influências recíprocas, nos quais a colaboração entre as diversas disciplinas conduzem a uma interação, isto é, a um diálogo que caminha em direção a uma estruturação de conceitos, englobando todo o conhecimento envolvido numa síntese.

Nesta abordagem, teremos, inicialmente, olhares diferentes para um mesmo objeto, mas que resultarão em modificações no modo de ver este objeto, com enriquecimentos epistemológicos para todos, ou seja, os

professores das mais diversas áreas e, principalmente, para os alunos. Ao inserir a fotografia na sala de aula de maneira interdisciplinar e facilitar a articulação de várias disciplinas, podemos tentar uma maior aproximação ao interesse do estudante, já que este está inserido na era digital e tem acesso aos diferentes meios tecnológicos. Portanto, colocar a fotografia no currículo significa estar atento a essa realidade.

A fotografia “é um texto para aqueles que acreditam que as linguagens expressivas, tanto na escola como no cotidiano, podem contribuir para expressar nossa relação com o mundo” (EITLER, 2000, p. 33), garantindo a construção de um conhecimento integralizador. Coligar as propostas de educação com a fotografia, no sentido de explorar o seu potencial em sala de aula, como foi dito anteriormente, representa uma aproximação das práticas cotidianas dos estudantes, os quais, na maioria das vezes, já dominam os equipamentos e seus recursos fotográficos.

O indivíduo cresce num ambiente carregado de informações visuais, que se propagam com uma rapidez espantosa. Mesmo que professores e alunos não se dêem conta disso, a imagem já ganhou lugar de destaque na sala de aula de modo que a interdisciplinaridade poderia facilitar a troca de conhecimentos e informações. O trabalho interdisciplinar depende, exclusivamente, da dinâmica do grupo de professores porque suas contribuições afetam diretamente os alunos, “num processo interdisciplinar, então, é necessário que o educador tenha a humildade e disponibilidade da troca e do diálogo para que possa integrar a sua disciplina com as demais” (PETRAGLIA, 1993, p. 34-35). Dessa forma, a instituição escolar também deve ser re-configurada para atender às novas necessidades apresentadas pelo contexto interdisciplinar.

Há, um vasto campo de exploração, de situações, de experiências, que podem ultrapassar os limites dos conteúdos de cada disciplina, ou seja, extrapolar as tradicionais ementas curriculares com seus conteúdos prontos e inquestionáveis, lutando contra o conformismo das ideias recebidas ou impostas. De acordo com Silva e Souza (1995):

Durante muitos anos acreditamos que o melhor jeito de compreender o mundo era pegar dele uma fatia e nela se especializar. O que agora discutimos é que o excesso disso nos deixou a todos muito limitados. Continuamos tendo a necessidade de ser especialistas, mas lançando pontes com as outras áreas do conhecimento o tempo todo. Um bom exemplo é a discussão do tempo. Eu preciso saber o que significa o tempo para a história, pois só assim posso estabelecer um diálogo com a noção de tempo da música, da física, da geografia [...] (SILVA, SOUZA, 1995, p. 155).

É, então, importante que professores e alunos se dêem conta de que não se pode abordar problemas complexos, limitando-se aos saberes de uma única disciplina. Somente através da interdisciplinaridade se torna possível construir caminhos para uma integração dos processos pedagógicos, que expresse as nossas angustias diante de um mundo fragmentado. A utilização da linguagem fotográfica e/ou da fotografia no cotidiano escolar é compreendida como um conhecimento capaz de auxiliar no desenvolvimento do aluno. Como a tecnologia está à disposição, estimular o interesse das disciplinas através da fotografia, juntamente com o ensino de Artes Visuais, colabora para a aproximação entre os professores, entre as disciplinas, e, também, entre os alunos. De acordo com DUFOUR e MAINGAIN (2002) a ideia de trabalhar uma disciplina de forma isolada, apenas despejando um conjunto de fatos e noções, sem nexos, não apresenta ao aluno nenhuma coerência entre si.

Acredito ser fundamental aos educadores considerarem os princípios pedagógicos da interdisciplinaridade e contextualização de suas experiências educativas para, possivelmente, despertar nos educandos uma percepção globalizada do conhecimento. Trabalhar de forma interdisciplinar proporciona aos alunos a oportunidade de desenvolver a expansão do repertório de habilidades e experiências que podem ser utilizadas para formar ideias e articular/fazer ligação com conhecimentos variados, pois “essa será uma ocasião para descobrir que a harmonização das práticas pedagógicas entre diversos professores, garante uma maior



eficácia ao nível da transferência das aprendizagens” (DUFOUR, MAINGAIN, 2002, p. 291). Sendo assim, é possível considerar que o trabalho interdisciplinar pode promover um elevado nível de envolvimento do grupo de professores e alunos, na medida em que todos estão aprendendo e compartilhando o que aprendem.

ZABALA (1998) destaca a necessidade de priorizar-se o reconhecimento da bagagem cultural dos estudantes e de seus interesses, trazendo significado para os processos de ensino e aprendizagem e estabelecendo uma rede colaborativa entre professores e alunos. Sabemos bem que num número significativo de instituições educativas, os currículos ainda são organizados de modo tradicional, propiciando aos estudantes somente o acúmulo de informações. Isso continua acontecendo em plena era digital, um momento particular da história em que a maioria dos alunos utiliza aparatos tecnológicos cotidianamente, dentre eles, a fotografia. Portanto, creio que explorar o potencial expressivo e representativo da fotografia em sala de aula é mais uma consequência natural do modo de vida contemporâneo.

## 2. FOTOGRAFIA E ARTE CONTEMPORÂNEA EM SALA DE AULA

Sem dúvida, a inserção da Arte Contemporânea no Ensino da Arte reverberou em muitas contribuições e experiências diversificadas para o professor e para o aluno, além de desafiar e inquietar a própria forma de ver, pensar e trabalhar a própria arte. Acredito que esta temática deve ser cada vez mais abordada dentro das escolas, contribuindo para a construção de um repertório mais amplo de imagens e conceitos dos alunos sobre arte, possibilitando ainda, a formação de uma postura mais atenta e flexível às diversas manifestações culturais e artísticas do momento (FERRARO, NARDIN, 2009, p. 184).

De acordo com Ferraro e Nardin (2009), a Arte contemporânea abordada na sala de aula proporciona condições diferentes de ensino, instiga o olhar do aluno e tem a capacidade de provocar discussões e confronto de opiniões que só vêm a colaborar para a compreensão das manifestações culturais. Além disso, desenvolve o senso estético e garante “a formação de espectadores capazes de dialogar criticamente com as obras produzidas na atualidade” (FERRARO, NARDIN, 2009, p. 185). É importante levar em conta que os alunos atualmente produzem, consomem e divulgam imagens fotográficas, sobretudo, através da internet e celulares. Uma maneira de aproximar os alunos da Arte contemporânea é permitir que os alunos tenham contato com produções de artistas contemporâneos, em especial, com a Arte fotográfica contemporânea, a fim de mostrar o papel e a importância que adquiriu a obra fotográfica nas suas diferentes formas de intervenção, suas formas de comunicação e informação.

O professor deve ser o mediador desse processo, auxiliando os alunos, propondo o conhecimento de novos materiais e processos. Todos elementos que compõem o fazer artístico e são elementos visuais presentes em nossa sociedade, no nosso cotidiano, são também materiais explorados pelos artistas contemporâneos, e podem estimular os alunos a desenvolverem um pensamento visual. Ou seja, podem fazer com que discutam o que perceberam sobre a obra fotográfica apresentada, pois esta também possui um caráter imaginário, sendo um mero reflexo da maneira como queremos representar o mundo. E é sobre esse tema que versam as produções das artistas que passo a apresentar.

As artistas por mim selecionadas, são significativas para sugerir uma interação com outras disciplinas, são: María Elvira Escallón (Londres, 1954), com a obra *Novas floras do sul*, Maria Teresa Ponce (Quito, 1974), com a obra *Nq. Ce. 1001*, ambas expostas na 8ª Bienal do Mercosul (2011), e a artista Alessandra Sanguinetti (Nova Iorque, 1968), com a obra *Ophelias*, exposta na 29ª Bienal de São Paulo (2010). Como foi dito anteriormente, a escolha das artistas deve-se ao fato de que, durante o curso de Pós - Graduação em Artes, no segundo semestre de 2011, na disciplina Arte e Cultura na América Latina, surgiu a proposta de elaboração de um artigo relacionado ao tema de pesquisa de cada aluno, o qual deveria agregar artistas contemporâneos que produzissem no contexto latino-americano. Sendo assim, a minha escolha recaiu sobre as artistas citadas, que têm em comum o fato de privilegiarem, em suas produções contemporâneas, a linguagem fotográfica. Por meio de reproduções destas obras contemporâneas, proponho uma reflexão sobre a possibilidade de interação entre as Artes Visuais com as demais disciplinas.

## 2.1 María Elvira Escallón

A artista María Elvira Escallón nasceu em Londres, Inglaterra no ano de 1954, passou a viver em Bogotá, na Colômbia. Artista visual, fotógrafa e psicóloga. Para entender um pouco da obra desta artista, é preciso voltar ao ano de 1997, quando diversos artistas foram convidados para montar uma obra no Salão Regional de Artes Visuais da estação de trens de Bogotá, que estava fora de serviço havia muitos anos. O estado da estação era de extremo abandono, um lugar que, antigamente era o principal sistema de transportes do país.

Com o seu trabalho *In Vitro* (Figura 1), Escallón apontou exatamente para a resistência que existia naquele lugar, que era proposto para utilizar como pano de fundo. Colocou, então, um grande vidro do piso ao teto, bloqueando a passagem de um corredor comprido e não permitiu que esse espaço fosse tocado, pisado e limpo. O visitante aproximava-se e via esse lugar como uma vitrine e o que via em seu interior contrastava com tudo que tinha ao redor, o qual havia sido completamente pintado e arrumado para a exposição. Essa obra mostrava a deterioração do espaço diante de sua falta de uso, sendo produzida e pensada só para seu espaço de exibição.



Figura 1: **Maria Elvira Escallón.**  
*In vitro*, 1997.  
Instalação - 400x400x350cm, Fotografia.

A partir desse momento, a artista começa a trabalhar frequentemente nesse sentido, fazendo instalações ou trabalhos escultóricos efêmeros em diferentes lugares. As intervenções sobrevivem em fotografias e relacionam-se ao estabelecer contato com o que está contido no próprio lugar, buscando uma intervenção sutil,

que o torne perceptível. Sua prática insere-se em um contexto interativo, no qual sua pesquisa estende-se a outros campos e começa a trabalhar a Arte em colaboração com a botânica, a arquitetura e o artesanato. Desenvolve obras vivas, realizando intervenções sobre espécies de flora nativa e misturando conhecimentos de botânica e elementos extraídos da arquitetura colonial local herdada, que se formalizam no trabalho manual.

A aproximação da arte para Escallón vem de seu interesse pela memória, pelo patrimônio, pela natureza e pela cultura. Suas obras, algumas vezes simples intervenções, questionam as formas visuais dos espaços interiores, tanto os de exibição quanto os urbanos, e expõem cruamente lugares esquecidos ou descuidados pela negligência do Estado. Seus projetos são o resultado de pesquisar e observar atentamente o ambiente, que a artista resolve com obras de diversos meios, como esculturas, instalações e fotografias (8ª BIENAL DO MERCOSUL- GUIA, 2011, p. 81).

Na 8ª Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética (2011), a artista deu seqüência a um projeto, intitulado *Novas Floras* (Figura 2), que consiste em pesquisar as plantas de uma região e executar intervenções e talhas em troncos de árvores em meio a lugares isolados, trazendo apenas consigo o registro fotográfico, que nos convida a visitar esses lugares, sua história e sua cultura, mesmo que imaginariamente.



Figura 2: **María Elvira Escallón**  
*Nuevas Floras del Sur [Novas Floras do Sul]*, 2011.  
Impressão digital. Entalhe sobre árvore Timbaúva

Para a Bienal de 2011, ela viajou pela região das Missões (Figura 3), onde, a partir de sua experiência de pesquisa com plantas nativas e com a colaboração do entalhador local José Herter, criou intervenções e talhas em árvores da região. Essa postura reforça a importância de aproximarmos as obras da artista dos conteúdos escolares, pois “cabe a educação preservar as culturas, pois ‘o fato de aprender está inevitavelmente voltado

para o passado'. O conhecimento do passado é um elemento essencial na formação da identidade, na percepção de si e dos outros" (ALMEIDA, 2009, p. 15).



Figura 3: **María Elvira Escallón.**  
*Nuevas Floras Del Sur [Novas Floras do Sul]*. 2001.  
Impressão digital. Entalhe sobre árvore Figueira.



## 2.2 Maria Teresa Ponce

A artista Maria Teresa Ponce nasceu na cidade de Quito, no Equador, no ano de 1974. Vive em Quito e é artista, fotógrafa, professora e coordenadora do Departamento de Fotografia do Colégio de Comunicação e Artes Contemporâneas, Universidade São Francisco de Quito. Maria Teresa Ponce entende como as pessoas desenvolvem uma nostalgia do país que deixaram para trás, quando deixam seus amigos, familiares, lugares, experiências, a sua história, porque deixou o Equador quando tinha nove anos e se mudou para os EUA, onde passou sua juventude e estudou arquitetura. Depois que terminou os estudos, voltou ao Equador para encontrar um país em crise econômica e sem trabalho para jovens arquitetos. Essa crise transformou Ponce, fazendo brotar sua Arte. A partir dessa mudança, começou a experimentar a fotografia, abrindo novos mundos. Seu trabalho fotográfico investiga o mundo, sua fotografia de paisagem, desenvolvidas ao longo de um oleoduto que vai da floresta amazônica para à costa do Pacífico, dá a impressão de riqueza e de prosperidade econômica.

*Oleoduto* é uma série fotográfica, ainda em curso, feita em três países exportadores de petróleo da América do Sul: Venezuela, Equador e Argentina. A série liga esses três países através do caminho de uma visibilidade comum a alguns dos problemas desses cenários.

Na 8ª Bienal do Mercosul: Ensaios de Geopoética (2011), a artista deu seqüência a série *Oleoduto*, que havia começado no Equador, com continuação na Argentina e Venezuela. Com este trabalho, Ponce está interessada em fazer o público pensar sobre as questões política, econômica e ambiental que estão por trás do progresso do petróleo.

Influenciada pela fotografia documental, a obra de María Teresa Ponce conserva o espírito de registro de lugares e situações que caracterizam esse meio. Assim, encontra formas de intervir nas realidades às quais tem acesso, com o intuito de apresentar imagens que dialogam com várias esferas do mundo contemporâneo (8ª BIENAL DO MERCOSUL-GUIA, 2011, p. 51).

*Oleoduto (2011)* é continuação desse projeto, e para a Bienal a artista viajou pelos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo, buscando registrar territórios transpassados e, muitas vezes, afetados pela passagem dos oleodutos, sejam eles expostos ou subterrâneos. As imagens fotográficas apresentadas na 8ª Bienal do Mercosul, ainda não estão disponíveis. Há, apenas as de 2006, realizadas no Equador (Figura 4) e na Argentina (Figura 5) e que problematizam o mesmo tema. O título de cada obra fotográfica, como *km 202*, *Km 138* e *Nq. Ce. 1001*, corresponde à nomenclatura usada pelas companhias petrolíferas em cada área para identificar a instalação petrolífera ou um ponto específico de um oleoduto.



Figura 4: **Maria Teresa Ponce.**  
*KM 202* (Equador). 2006.  
Impressão digital.



Figura 5: **Maria Teresa Ponce.**  
*km 138 (Argentina). 2006*  
Impressão digital.

### 2.3 Alessandra Sanguinetti

A artista Alessandra Sanguinetti nasceu em Nova Iorque, no ano de 1968, morou na Argentina no período de 1970 até 2003 e, atualmente, vive em Nova Iorque e é, artista e fotógrafa. Viveu dos dois aos 35 anos de idade, em Buenos Aires. Seu trabalho fotográfico focaliza personagens que habitam o entorno remoto e rural da Argentina. Fazendeiros, trabalhadores e animais povoam pesquisas continuadas em que a artista documenta cenas enigmáticas e extraordinárias.

No ano de 1999, Sanguinetti começou a trabalhar em uma série de fotografias que documentam a vida de duas primas, chamadas Guilhermina e Belinda, na fazenda de sua família. A construção das imagens foi inspirada pelos sonhos, fantasias e temores que acompanham a transição psicológica e física da infância à idade adulta.

No ano de 2010, a artista participou da 29ª Bienal de São Paulo - Há sempre um copo de mar para um homem navegar, no Parque Ibirapuera, pavilhão três - Ciccillo Matarazzo -, onde apresentou a série *As aventuras de Guilhermina e Belinda e o enigmático significado de seus sonhos* (Figuras 6 e 7), obra composta por imagens fotográficas doces, ternas, estranhas e narrativas, que cristalizam um imaginário infantil.



Figura 6: **Alessandra Sanguinetti.**  
*Para o passado*, 2000.  
Impressão digital.



Figura 7: **Alessandra Sanguinetti.**  
*O tempo voa*, 2000.  
Impressão digital.

## 2.4 Possibilidades de ações interdisciplinares

Através da interdisciplinaridade, é possível buscar novos caminhos para o ensino, não só das Artes Visuais, mas de todas as demais disciplinas. Neste trabalho, apresento propostas artísticas que utilizam a fotografia como recurso e objeto de estudo, acreditando que isso faz todo sentido e toda diferença na sociedade contemporânea, pois vivemos cercados por imagens fotográficas. As fotografias são meios visuais e cognitivos, que comunicam mensagens assim como os textos escritos. Nesse sentido, de acordo com Almeida (1999), “as imagens constituem parte fundamental na alfabetização estética, fazendo-se presente no dia-a-dia de uma maneira muito mais intensa do que em outros tempos, cabe definir quais imagens vão ser levadas para a sala de aula” (ALMEIDA, 1999, p. 73).

A partir de um ponto de vista educacional, e em uma primeira aproximação, as obras apresentadas nos tópicos anteriores são constituídas por um elemento visual muito usado atualmente pela maioria das pessoas: a fotografia. Por meio da linguagem fotográfica, da imagem contemporânea e de reproduções de obras de artistas da América Latina, proponho a possibilidade de interação, ou seja, de trabalhar a interdisciplinaridade na sala de aula. A intenção é de que professores, de outras disciplinas, compreendam a importância da construção do ensino através de produções artísticas contemporâneas. Sendo assim, as propostas discutidas neste trabalho foram apresentadas aos entrevistados como agentes detonadores da discussão acerca de fotografia em benefício da interdisciplinaridade.



Maria Elvira Escallón em seu projeto artístico, *Novas Flores do Sul* (Figura 8), viajou pela rota missioneira, onde realizou uma série de intervenções e enxertos em árvores nativas desta região, numa “operação artística em que o espaço (entorno) torna-se parte constituinte da obra” (FERRARO, NARDIN, 2009, p.192).



Figura 8: **Maria Elvira Escallón.**  
*Nuevas flores del sur* [*Novas flores do sul*]. 2011.  
Impressão digital. Entalhe sobre árvore Canelo.

A obra de Maria Elvira Escallón propõe uma reflexão de retorno a um passado, muitas vezes esquecido, e um debate entre história, memória e patrimônio. A artista esculpe, em suas plantas, elementos da arquitetura das Missões, fazendo um resgate da história deste lugar através de intervenções, de modo que a série de fotografias finaliza esse processo através do “diálogo com a história da Arte, com as outras linguagens plásticas, com o espaço arquitetônico, social e político, com o entorno cultural” (FERRARO, NARDIN, 2009, p.193). Além do resgate da cultura histórica das ruínas de São Miguel, acontece, também, uma intervenção na paisagem natural da região. E isso representa “tomar como objeto (isto é, ao mesmo tempo como quadro, suporte, material e como a própria obra), a paisagem, com todos os seus elementos. Situado em suma em algum lugar entre uma arquitetura e uma escultura da natureza” (DUBOIS, 1993, p. 281 - 283).

Portanto, a utilização das produções de Escallón pode ser significativa para a disciplina de História, que por sua vez, poderia abordar, juntamente com a disciplina de Artes Visuais e/ou outras disciplinas (exemplos: Biologia, Geografia, etc), que através dela poderiam explorar questões sobre, as Missões Jesuítas como pano de fundo para discussões mais abrangentes.

Maria Teresa Ponce, em sua série *Oleodutos* (Figura 9), demonstra seu interesse por esses lugares e pelas pessoas que vivem nos arredores dessas imensas tubulações por onde passa o petróleo e que convive com essas expansões industriais. Nela, Ponce apresenta imagens do progresso, e se enriquece com uma pesquisa feita pela artista sobre a pintura de paisagem no Brasil, desde pinturas realizadas pelos viajantes europeus no século XIX até a elaborada por artistas locais do século XX. Ponce toma essas pinturas como inspirações para fotografar panoramas em que se combinem assuntos relacionado a terra, a política, a economia e o meio ambiente, sendo o petróleo o foco principal da imagem.



Figura 9: **Maria Teresa Ponce.**  
*Nq. Ce. 1001* (Argentina). 2006.  
Impressão digital.

Seu potencial crítico de leitura do mundo atual a faz recuar a ideia modernista de progresso da civilização calcado nos avanços da ciência e da tecnologia industrial, pois se, por um lado, esta apresenta benefícios, por outro, acrescenta prejuízos como poluição ambiental, desperdício e extermínio de recursos naturais. Daí, podemos afirmar que a arte contemporânea é menos orientada para o futuro e mais consciente das condições presentes (FERRARO, NARDIN, 2009, p.195).

De acordo com Ferraro e Nardin (2009), Ponce consegue fazer o público pensar sobre as questões do presente, questões de poluição ambiental sem a necessidade de recorrer a imagens de reclamação (como o quadro típico da ave untada com óleo), que pode ser feito a partir de outro ponto de vista. Sob outro prisma, o Caderno de Geografia<sup>1</sup>, da 8ª Bienal do Mercosul, de 2011, sugere a seguinte atividade interdisciplinar, mostrando uma possível aula de Geografia:

Expansão Industrial: Incentive os estudantes a pensar a respeito da presença da indústria nos seus bairros, cidades ou países. Onde eles a vêem diariamente? Eles ficaram sabendo de algum exemplo recente de expansão industrial? Peça aos estudantes que apontem um exemplo de indústria na qual estão interessados e pesquisem-na em artigos de jornais e revistas. Depois disso, peça-lhes que desenvolvam a sua própria opinião sobre a indústria que estão pesquisando. Quais são os benefícios que esta indústria traz à sociedade? Quais são os seus inconvenientes? Finalmente, solicite que documentem a sua indústria através da fotografia digital. Eles podem não ver os prédios e estruturas verdadeiros associados com a indústria, mas os efeitos dela. Por exemplo, eles podem ver manchas de petróleo na superfície de um lago ou riacho, ou alguém se locomovendo para ir trabalhar numa fábrica (8ª BIENAL DO MERCOSUL – CADERNO DE GEOGRAFIA, 2011, p. 17).

Analisando a produção de Alessandra Sanguinetti veremos que a artista propõe situações subjetivas e poéticas para série *As aventuras de Guilhermina e Belinda e o enigmático significado de seus sonhos* (Figura 10), que se aproximam dos universos literários de William Shakespeare. Suas imagens fazem referência às iconografias romântica, simbólica e vitoriana, ao mesmo tempo em que citam gêneros convencionais da representação popular e vivencial latino-americana. As imagens possuem um clima poético, como se tivessem saído de um conto de fadas. O contraste entre as duas figuras, uma alta e esguia e a outra baixa e robusta, garantem um caráter de estranheza às fotos. Segundo Fernandes Junior (2007), as imagens contemporâneas

---

<sup>1</sup> Este exemplar integra uma coleção de cadernos distribuídos pela ação educativa da Bienal do Mercosul para professores de diversas áreas, não apenas Artes Visuais, que oferece e apresenta propostas interdisciplinares para o ensino, selecionadas de acordo com o tema de algumas das obras dos artistas que participaram da 8ª Bienal no Mercosul em 2011.

[...] causam uma sensação de explosão e de unidade ao mesmo tempo, pois não trazem serenidade, mas inquietação. Ruídos, incompletudes, ausências, o interesse pela banalidade do cotidiano, processos de fragmentação e simultaneidade, processos de desconstrução. Tudo articulado numa espécie de narrativa visual que cria uma irresistível atmosfera de encantamento (FERNANDES JUNIOR, 2007, p. 49).



FIGURA 10: **Alessandra Sanguinetti.**  
*Ophelias*, 2001.  
Impressão digital.

As sessões de fotos com as meninas são o resultado de ideias simples, às vezes inspirados a partir de fotos de revistas populares ou como da reprodução da obra acima *Ophelias* da tragédia de Shakespeare, *Hamlet*, uma releitura, como já havia sido feito na pintura, por John Everett Millais (Figura 11), pintor e ilustrador inglês (1829-1896). Segundo Almeida (2009), a releitura:

[...] propicia o contato com obras consagradas e possibilita a construção de muitos conhecimentos (sobre a obra, os artistas e as artes em geral). No entanto, esse contato precisa ser mediado pelo professor, para que as obras apreciadas não sejam tomadas pura e simplesmente como modelo a ser seguido. Ao proporem atividades de releituras, os professores precisam questionar [...] (ALMEIDA, 2009, p. 27).



Figura 11: **John Everett Millais.**

*Ophelia*, (1852).

Galeria Tates.

Ao considerar a leitura de um romance ou de um ensaio, uma sugestão para o trabalho com a reprodução da obra *Ophelias*, de Sanguinetti, seria na disciplina de Literatura, abordando a tragédia de Shakespeare, trabalhar o retrato da tragédia feminina de Ofélia.

Num mundo cada vez mais imagético, aprender a ler e interpretar as imagens à luz de diferentes orientações, com a integração entre as disciplinas se torna cada vez mais uma necessidade real. Os estudantes precisam exercitar a leitura das imagens e não só dos textos. Através do contato com as imagens, os alunos devem tecer suas ideias e construir conhecimento para poderem relacioná-lo com as mais variadas áreas do saber, pois todos os acontecimentos visuais são passíveis de serem estudados. Isso é possível porque as imagens carregam em si alguma informação, nas quais se criam e discutem significados, desde as imagens da História da Arte, até as imagens atuais, como obras fotográficas contemporâneas.

### 3. SOBRE A PESQUISA E SEUS RESULTADOS

Antes da análise dos dados obtidos, considero importante discutir sobre as dificuldades surgidas no desenrolar da pesquisa, no que tange à disponibilidade de professores inicialmente procurados. A minha experiência expõe os obstáculos que ainda enfrentamos para conseguir estabelecer relações entre as pesquisas acadêmicas e a realidade escolar.

Minhas primeiras tentativas frustradas de conseguir entrevistar professores de qualquer área, de preferência, que não fossem das Artes Visuais, começaram no segundo semestre do ano de 2011. Nessa ocasião, em todos os colégios que me apresentei, não obtive sucesso. Todos se recusaram a colaborar com a pesquisa, e, desanimada, cheguei a pensar em desistir da pesquisa.

Iniciou o ano de 2012 e pensei que seria diferente. No mês de março, voltei a entrar em contato com os professores, recorri a parentes e amigos para saber se conheciam algum professor que estivesse disposto a ceder alguns minutos para uma entrevista. Alguns pediam para que voltasse na semana seguinte, mas, quando retornava, recebia a mesma resposta. Outros, bem atenciosos no primeiro contato, prometeram que responderiam minhas perguntas, mas, ocorreu a greve do magistério e acabou com a chance de entrevistá-los.

Em função dos motivos expostos acima, vi frustrada a minha intenção inicial de entrevistar vários professores de diferentes disciplinas. Portanto, para dar seguimento à pesquisa, consegui apenas entrevistar cinco professores, um de Geografia, um de História, dois de Pedagogia e um de Artes, os quais se dispuseram a dialogar comigo.



As relações explicitadas ao longo do artigo formam a fundamentação teórica que serve de apoio para o encaminhamento dos procedimentos metodológicos. As entrevistas foram videografadas e, posteriormente, transcritas, uma vez que tal procedimento “proporciona o registro de toda a expressão oral” (ANDRÉ e LÜDKE, 1986, p. 37). Assim, foi possível angariar subsídios para identificar a percepção dos entrevistados acerca da necessidade de uma maior exploração do potencial interdisciplinar em parceria com as Artes Visuais nas práticas escolares. Além disso, foi possível saber sobre o interesse de cada um em trabalhar de maneira interdisciplinar e perceber a importância dada pelos professores à utilização da fotografia como mediadora da aproximação dos estudantes de seu contexto cultural, explorando os recursos tecnológicos de que dispõem.

Passo, agora, a pormenorizar os procedimentos metodológicos da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos interlocutores e transcritas no protocolo de registro de entrevistas para posterior seleção dos trechos importantes para a análise. Os professores, sujeitos da pesquisa, foram identificados por letras, conforme o combinado anteriormente, para preservar o anonimato.

Os sujeitos da pesquisa são professores da rede pública de Pelotas, RS, e trabalham em escolas do município. Entrevistado A é licenciado em Geografia e atua no município há sete anos; o entrevistado B licenciado em História e trabalha há nove anos nas séries finais do ensino fundamental; o entrevistado C é licenciado em Artes e trabalha a seis anos no ensino fundamental, os entrevistados D e E, ambos, são licenciados em Pedagogia e trabalham respectivamente há trinta e há doze anos nas séries iniciais.

Quando perguntados se alguma vez trabalharam com fotografia em sala de aula, todos afirmaram que, de alguma forma, já trabalharam com imagem fotográfica:

Sim. Saímos algumas vezes para fotografar, os meus alunos utilizaram suas próprias câmeras digitais, os que não tinham faziam dupla com o que tinha. Fotografaram o que solicitei para o trabalho, imagens de paisagens urbanas e naturais (Entrevistado A, 24/04/2012).

Com fotografia e vídeos, os alunos fizeram os vídeos. Teatro de papel, onde criaram personagens e as roupas e acessórios eram todos de papel e criaram vídeo clips e as capas dos DVDs foram fotos tiradas por eles e feitas montagens (Entrevistado C, 26/06/2012).

Sim, saímos para fotografar, foi através de projeto envolvendo o tema Prédios Públicos e Particulares da cidade e um outro trabalho envolvendo a cultura, a tradição da família. (Entrevistado E, 29/06/2012).

Nestas circunstâncias, descritas pelos Entrevistados A, C, e E, aproveita-se o interesse em comum dos alunos pela utilização da captação de imagem através de máquinas digitais e celulares com câmera, utilizando-se da fotografia digital como ponto principal para reflexão sobre o ensino/aprendizagem em qualquer disciplina. A fotografia daria aos alunos suporte para desenvolverem outra visão sobre o meio que vivem. Segundo Hernández (2007), no caso da educação,

trata-se de se aproximar destes “lugares” culturais, onde meninos e meninas, sobretudo os jovens, encontram hoje muitas de suas referências para construir suas experiências de subjetividade. Uma referências que não costumam ser levadas em conta pelos docentes, entre outras razões, porque as consideram pouco relevantes, a partir de um enfoque do ensino centrado em alguns conteúdos disciplinares e em uma visão da Escola de cunho objetivista e descontextualizado. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 37).

Já os Entrevistados B e D não exploraram em suas práticas o contato dos alunos com a câmera fotográfica. No entanto, promoveram ações nas quais foram discutidas principalmente questões relativas à memória e à história, como comprovam os depoimentos abaixo:

Sim, algumas vezes. A primeira vez, foi há alguns anos atrás, com uma 7ª série, trabalhávamos sobre imigração no Brasil. Os alunos foram instigados a pesquisar em suas famílias qual a origem de seus antepassados, juntamente com os relatos foi pedido que trouxessem fotografias antigas. Selecionei

algumas destas fotos e levei para análise da turma, a partir daí analisamos vários itens: objetos, vestimentas, arquitetura...O trabalho foi muito legal e despertou o interesse dos alunos. A segunda vez, foi também em relação a imigração mas em um trabalho para feira de ciências em parceria com as disciplinas de Religião, Geografia, Ciências, Artes e História, o objetivo era contar as possíveis dificuldades atravessadas pelos imigrantes ao chegar no Brasil, recolhemos imagens de livros e revistas a respeito do assunto bem como fotos antigas, no final do trabalho, no dia da feira fizemos entre outras atividades um mural com as fotos antigas e uma exposição de objetos antigos. E a terceira experiência foi com o tema da ditadura militar, com fotografia de revistas de pessoas torturadas no período ditatorial do Brasil. (Entrevistado B, 25/04/2012).

Trabalhei com imagens, com a tela de Tarsila do Amaral, o Abapuru e trabalhei com outros alunos também, através do resgate da história de vida de cada um com fotografias da família. (Entrevistado D, 29/06/2012).

Tais iniciativas também são válidas, pois exploram o caráter documental das imagens, visto que as:

Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo (BITTENCOURT, 1998, p. 199-200).

Na sequência, investiguei se os entrevistados tinham participado de propostas interdisciplinares e, se sim, de qual disciplina partiu a proposta e quais disciplinas participaram (na fala anterior, do Entrevistado B, já foi relatado um trabalho interdisciplinar na Feira de Ciências, entre as disciplinas de Religião, Geografia, Ciências, Artes e História.). As respostas foram as seguintes:

Sim, minha iniciativa, com as disciplinas de História e Inglês. Foram aulas discursivas, expositiva com uso de vídeo (Entrevistado A, 24/04/2012).

Sim. Algumas vezes a proposta foi minha e outras de meus colegas. Por dois anos elaboramos um livro de histórias escritas pelos alunos de 7º anos, nesta proposta participaram as disciplinas de História, Português e Artes. Em 2011 apresentamos um trabalho na feira de ciências que era uma parceria de

História e Ciências, sobre as doenças adquiridas na idade média e os fatores que contribuíram para sua propagação (Entrevistado B, 25/04/2012).

Sim, com a disciplina de Ciências, foi minha proposta, os alunos estavam trabalhando o esqueleto, nós fizemos marionetes criaram personagens e apresentaram na aula de Ciência. Sobre a célula também, fizemos na aula de Artes com massa de modelar, gelatina e isopor, também foi apresentado em aula, dando aula para os colegas (Entrevistado C, 26/06/2012).

Sim, estes trabalhos que eu falei: o Abaporu e as fotografias de família foram feitos com a interdisciplinaridade, em Artes, História, Língua Portuguesa (Entrevistado D, 29/06/2012).

Sim, partiu da disciplina de Artes com a participação da Língua Portuguesa, da Matemática, da História, da Geografia e outras. Cada qual com a sua especificidade. Foi um trabalho comemorando o aniversário da cidade (Entrevistado E, 29/06/2012).

Dando continuidade à entrevista mostrei reproduções de três obras fotográficas (Figura 12) e fiz um breve relato, tanto sobre as obras, quanto sobre as artistas, indagando se já conheciam alguma das obras.



Figura 12: Montagem com as obras apresentadas<sup>5</sup>

Sobre o assunto o entrevistado A respondeu: “Sim, vi a obra das missões e a do oleoduto, vi na bienal. Fui com a minha esposa, que é professora de Artes.” “Pessoalmente não. Em outro enfoque apenas a imagem

das missões, vi em uma reportagem na televisão”, declarou o entrevistado B. Os demais entrevistados desconheciam as obras apresentadas, inclusive o entrevistado C, que tem formação em Artes Visuais. Isso indica que mesmo com formação na área é fundamental manter-se conectado ao mundo das Artes e suas produções, numa atitude de reconhecimento do dinamismo da produção contemporânea e da necessidade de aproximar as imagens artísticas da educação em geral.

Quando questionados com qual dessas três obras trabalhariam em suas disciplinas, responderam:

A obra da artista María Teresa Ponce sobre os oleodutos. Com esta imagem é possível trabalhar temas como economia, impacto ambiental, reflexos sociais e políticos desta obra (Entrevistado A, 24/04/2012).

Acredito que em primeiro lugar a imagem das missões, por ser mais voltada ao conteúdo que trabalho na disciplina de história de 7º ano. Introduzindo no conteúdo de expansão do território brasileiro, com o aprofundamento sobre as missões Jesuíticas, após o ter explorado sobre esse assunto levando a imagem para que os alunos analisassem (Entrevistado B, 25/04/2012).

Todas, com releituras, visitando lugares parecidos, criando novas fotos acrescentando novas ideias (Entrevistado C, 26/06/2012).

A de Alessandra Sanguinetti, por que poderia fazer relações com a ecologia, a biodiversidade, as cores e através da criação de textos interpretativos da imagem, traçando paralelos entre a imagem e o contexto de cada um (Entrevistado D, 29/06/2012).

Acredito ser perfeitamente possível trabalhar com qualquer uma delas. Pois são obras que fazem parte do cotidiano, bem como das pesquisas e estudos que se realizam focando a sustentabilidade do planeta e os cuidados que devemos ter com a vida, com os bens naturais (Entrevistado E, 29/06/2012).

As respostas apontam para escolhas acomodadas, ou seja, optaram por aquelas que de algum modo está ligada com a sua disciplina, por algum assunto que já conhecem ou dominam.

Após, perguntei se, através dessas imagens, eles acham possível trabalhar de forma interdisciplinar com a disciplina de Artes Visuais e pedi para que justificassem suas respostas. As respostas foram as seguintes:

Sim, devido ao fato destas mesmas imagens serem utilizadas com visões diferentes nas duas disciplinas (Entrevistado A, 24/04/2012).

Sim, em História a uma série de atividades a serem exploradas como construção de maquetes, desenhos..., desta forma facilitaria a compreensão do conteúdo e despertaria um maior interesse dos alunos pelo tema, possibilitando também ter a oportunidade de uma aula mais lúdica (Entrevistado B, 25/04/2012).

Sim com qualquer disciplina, saindo da sala de aula, tirando fotos de lugares e plantas da sua região, conhecendo novos lugares e pessoas, fazendo painéis, entrevistas, vendo vídeos e fotografias (Entrevistado C, 26/06/2012).

Sim, o aluno, principalmente a criança de séries iniciais e finais, tem uma forte impressão através da imagem, resignificando conceitos e criando seus próprios conceitos artísticos (Entrevistado D, 29/06/2012).

Sim, porque precisamos trabalhar a sensibilidade, para que estejamos atentos ao que acontece na nossa volta, às transformações que acontecem e buscar, de forma coletiva, uma conscientização de que preservar é necessário e é compromisso de todos (Entrevistado E, 29/06/2012).

Como é possível constatar todos concordaram ser possível trabalhar de forma interdisciplinar com a disciplina de Artes Visuais, e que todos ganham com a interdisciplinaridade. Dando continuidade indaguei se viam possibilidade de trabalhar a imagem escolhida com mais alguma outra disciplina, justificando a resposta. As respostas foram as seguintes:

Sim, todas as outras disciplinas, afinal, o conhecimento é transmitido fragmentado ao aluno, no entanto, suas faculdades são interligadas para compreender as imagens. (Entrevistado A, 24/04/2012).

Sim. Talvez Geografia, pois é uma disciplina que tende a trabalhar bastante com imagens para um melhor entendimento dos alunos. Mas tanto a primeira imagem como as outras são flexíveis para serem trabalhadas nas disciplinas de Ciências, Geografia e Português. (Entrevistado B, 25/04/2012).

Como foi dito nas questões anteriores, a imagem possui muita força, e os alunos mantêm uma forte ligação com as Artes Visuais, mesmo sem perceberem. Faria relação com Ciências, com ecologia, com Língua Portuguesa. (Entrevistado D, 29/06/2012).

Sim, porque precisamos envolver mais pessoas e todas as disciplinas devem estar envolvidas para que os objetivos, as metas sejam alcançadas. Cada disciplina tem uma forma de apresentar uma mesma questão com um enfoque diferente, mas que no final pode alcançar o resultado esperado, ou seja, que a humanidade possa ser cada vez mais perceptiva ao próximo e ao que está ao seu redor. (Entrevistado E, 29/06/2012).

Através de análises das entrevistas, pude perceber que os professores já utilizaram a fotografia em suas práticas e percebem que é importante aproximar o aluno de algo comum a ele, trazendo o cotidiano para dentro da sala de aula, com as práticas de cada disciplina e estimulando o aluno quanto ao desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, da compreensão e, também, da capacidade de estabelecer relações. Segundo Leite (1998), tanto a fotografia quanto o desenho possibilitam:

uma penetração de significados por meio da memória espacial e da associação de imagens. O exercício de análise das fotografias estimula a percepção visual habitua enxergar na foto uma radiografia com sugestões de significados invisíveis que ultrapassam o enquadramento das duas dimensões (LEITE, 1998, p. 43).

Pude perceber, também, que os entrevistados estão preparados para explorar em suas disciplinas as conexões interdisciplinares entre as Artes Visuais, principalmente, tendo como veículo reproduções de obras fotográficas contemporâneas, salientando a maciça presença da fotografia em nossos cotidianos. A presença da Arte na escola faz com que os sujeitos envolvidos possam lidar com as diferentes dimensões sociais,

econômicas e políticas, tendo o prazer de fazer Arte. Quando empregam uma de suas linguagens mais utilizadas nos dias de hoje, ou seja, a fotografia, torna-se mais fácil a aproximação com os estudantes, não só nas aulas de Artes, mas em todas as demais disciplinas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação contemporânea tem nos mostrado que existe a necessidade de se tentar diferentes opções para despertar nos educandos alternativas de trabalho interdisciplinares, neste caso, através e/ou em parceria com obras fotográficas contemporâneas. Práticas pedagógicas utilizando a fotografia como recurso para práticas interdisciplinares é estimulante e atinge aspectos da natureza humana, assim como memória, atenção, emoção, socialização, desenvolvimento e aprendizagem, incentivando o interesse do aluno, já que a grande maioria está habituada ao uso de fotografar e ser fotografado, bem como possibilita a sua compreensão a respeito da realidade de modo mais amplo.

O trabalho com a fotografia é sempre algo instigante, no qual podemos abordar a questão do olhar, pesquisar o tipo de enquadramento, o que está sendo mostrado, por que razões foram feitas tais escolhas e não outras. Podemos abordar, também, o objeto que está sendo representado. O que vemos dele? O que podemos aprender sobre o que está sendo mostrado? O que pensamos sobre o assunto em questão?

Ao propôr aos entrevistados utilizar como recurso reproduções de obras fotográficas contemporâneas, das artistas María Elvira Escallón, Maria Teresa Ponce e Alessandra Sanguinetti, sugeri que refletissem sobre a possibilidade de interação entre as suas disciplinas e a de Artes Visuais. Os entrevistados receberam bem a aproximação da produção contemporânea em fotografia das artistas citadas acima, pois todos já trabalharam, de alguma maneira, com fotografias em sala de aula. Eles perceberam que podem utilizar a fotografia em sala de aula nas diversas áreas do conhecimento. Por que não aproveitá-la como parte para um diálogo com as Artes e as demais disciplinas? Busquei, desta forma, encontrar caminhos para uma aproximação didática de

caráter interdisciplinar entre as Artes Visuais, em especial, a fotografia e as demais disciplinas curriculares. É importante que professores e alunos percebam que a Arte não existe simplesmente para ser admirada e/ou contemplada, ou, como pensam erroneamente grande parte das pessoas, para ser a decoração da escola em datas comemorativas.

É possível a utilização de outros recursos didáticos, mostrando, assim, o papel e a importância que adquiriram as produções fotográficas nas suas diferentes formas de intervenção, suas formas de comunicação e informação. Esta pesquisa teve o intuito de sugerir/propor atividades, no nível de experimentação, para a elaboração e construção do conhecimento e/ou para o exercício e a aplicação de obras fotográficas, ou seja, uma linguagem das Artes Visuais para ser compartilhada com disciplinas de outras áreas, em parceria interdisciplinar. Tal procedimento foi fundamental para a investigação acerca do problema de pesquisa: Será a fotografia, com seus produtos e fazeres, um meio facilitador da interdisciplinaridade no currículo escolar?

Foi gratificante descobrir que os professores entrevistados já tinham experimentado a interdisciplinaridade e percebem a importância e práticas integradoras, que, através dele, o aluno pode expressar melhor as ideias e compreender as relações entre as partes e o todo, além das diferentes formas de conhecer e interpretar o mundo. Percebi, também, que todos os entrevistados conseguiram, através de suas diferentes disciplinas, se aproximarem das Artes Visuais, e compreenderam que é possível a interação das Artes com as demais áreas do conhecimento.

A interdisciplinaridade começou a ser abordada no Brasil a partir da Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71. Desde então, sua presença no panorama educacional tenta se tornar mais presente no discurso e na prática de uma minoria de professores, porque fica difícil sair do papel uma lei que não é incentivada por muitos. A direção da maioria das escolas, não abrem espaço para reuniões e sem reuniões não existe interdisciplinaridade, também não é oferecida, nem incentivada a formação continuada, a maioria dos

professores não possui formação continuada, leciona há anos e estão parados no tempo, não se atualizam, ficam defasados, nem sempre conseguem continuar estudando, e se atualizando, e aprendendo a lidar com novas tecnologias, novas tendências de ensino aprendizagem. Mesmo fazendo o melhor que podem, perdem em relação aos novos conceitos pertinentes.

Está na hora de começar a revelar, a impregnar, a alimentar os professores, a ponto de favorecer, finalmente, uma espécie de renovação e de relançamento de outras práticas pedagógicas. Assim, é preciso oferecer uma interdisciplinaridade contextualizada em suas práticas educativas para, possivelmente, despertar nos educadores e educandos uma visão globalizada do conhecimento.

Com este trabalho creio ter contribuído para a ampliação das discussões sobre as potencialidades pedagógicas da fotografia em sala de aula, ressaltando as sua intrínseca característica interdisciplinar, por conjugar no espaço da representação discursos diferentes e complementares: o do registro, o da memória, o estético, todos responsáveis pela marca autoral, subjetiva de cada sujeito/fotógrafo. Ficam assim estabelecidas discussões em prol da educação interdisciplinar, que podem ser ampliadas através da educação em Artes Visuais, mais precisamente, por meio de obras fotográficas contemporâneas para uma maior compreensão e inclusão destas no currículo escolar.

Esta pesquisa tem por pretensão estimular a integração das demais disciplinas curriculares com as Artes Visuais propiciando, assim, a troca e o diálogo entre as disciplinas para a elaboração de projetos de trabalhos interdisciplinares e de formas de aplicação deles. Almejo, com este trabalho, promover um espaço de reflexão, no qual o compartilhamento de ideias poderá configurar um novo pensar metodológico entre os sujeitos. Acredito que as diversas áreas do saber trabalhadas de forma interdisciplinar ajudam no processo de aprendizagem, fazendo da escola um espaço cooperativo entre seus professores e alunos, os quais poderão assumir uma atitude investigativa e desafiadora sobre seus fazeres e saberes.

Pretendo assim, continuar pesquisando sobre fotografia, seria interessante trabalhar com uma intervenção interdisciplinar que poderia ser desenvolvida pelos professores entrevistados. Isso ainda está incipiente neste momento da pesquisa, mas, quem sabe, posso desdobrá-la para o mestrado. Isso poderá, efetivamente, apontar resultados da aplicação e da práxis da proposta utilizando as artistas/fotógrafas contemporâneas nas práticas pedagógicas escolares com o viés interdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Zamboni de. **As relações arte/tecnologia no ensino da arte**. In: PILLAR, Analice Dutra (org.) A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Concepções e Práticas Artísticas na Escola**. In: FERREIRA, Sueli (Org.) O Ensino das Artes: Construindo Caminhos. 7ª Ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2009.

ANDRÉ, Marli. LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 4ª ed. São Paulo: EPU, 1986.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1996.

BITTENCOURT, Luciana A. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: BIANCO, Bela Feldman. LEITE, Míriam Moreira (orgs). Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

DUFOUR, Barbara. MAINGAIN, Alain. **Abordagens didáticas da interdisciplinaridade**. Lisboa. De Boeck e Larcier, 2002.

EITLER, Kita. **Questões sobre a fotografia: olhando o mundo pelo buraco do alfinete.** In: Múltiplas linguagens na escola. (Org.) Regina Leite Garcia. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Aquisições de uma formação Interdisciplinar de Professores.** In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.) Didática e Interdisciplinaridade. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa.** Campinas, SP: Papirus, 1994.

FERRARO, Mara Rosângela. NARDIN, Helianda Ometto. **Artes Visuais na Contemporaneidade: Marcando Presença na Escola.** In: FERREIRA, Sueli (Org.) O Ensino das Artes: Construindo Caminhos. 7ª Ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2009.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. **Boletim número dois. Grupo de Estudo do Centro de Pesquisa de Arte & Fotografia.** São Paulo: USP/ECA, ano 2, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

LEITE, Míriam Moreira. **Texto visual e texto verbal.** In: BIANCO, Bela Feldman. LEITE, Míriam Moreira (orgs). Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Educação estética, arte e cultura do cotidiano.** In: PILLAR, Analice Dutra (Org.) A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias.** Maceió: Edefal, 1999.

NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre a cultura visual.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

8ª BIENAL DO MERCOSUL-GUIA: **Ensaio de Geopoética: Guia**. Porto Alegre, RS: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

8ª BIENAL DO MERCOSUL: **Material Pedagógico – Caderno de Geografia**. Porto Alegre, RS: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Interdisciplinaridade: o cultivo do professor**. São Paulo: Pioneira: Universidade São Francisco, 1993.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Tecnologias contemporâneas e o ensino da arte**. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

SAMAIN, Etienne. (Org.) **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

SILVA, Dinorá Fraga da. SOUZA, Nádya Geisa Silveira de. **Interdisciplinaridade na sala de aula: uma experiência pedagógica nas 3ª e 4ª séries do primeiro grau**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3ª Ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.